

Alerta contra contaminação

Preços de produtos e serviços sem relação com o dólar também sobem, pressionando a inflação

Alton de Freitas/12-12-2002

Vivian Oswald e Enio Vieira

BRASÍLIA

Contaminação dos preços é o nome de um velho inimigo que assusta a nova equipe econômica. Depois da onda de aumentos provocada pela alta do dólar desde o segundo semestre do ano passado, o país está diante de reajustes nos preços que têm pouca ou nenhuma relação com a moeda americana. Segundo analistas de institutos de pesquisa, a contaminação se dá principalmente nos serviços. Em janeiro, os itens ensino e excursões subiram 4,09% e 8,04%, respectivamente, bem acima dos 2,06% do IPC-M, informa a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para o coordenador de análises do Instituto Brasileiro de Economia da FGV, Salomão Quadros, a alta de 8,04% do item excursões pode significar reajustes de preços de mais de 20% em alguns casos, o que seria bastante exagerado. Outros aumentos significativos apurados pela FGV foram clubes de recreação (4,53%), aplicação de sinteco (5,81%) e bebidas à base de chocolate (13,40%). Para o economista-chefe do Banco Boreal, Elson Telles, o IPCA-15 do IBGE também mostrou uma contaminação de preços de serviços que não são afetados pela variação do dólar e, em tese, não teriam por que subir.

Por isso, continua Telles, o BC agiu preventivamente com a alta da taxa de juros Selic de 25% para 25,5%: para não deixar também que a inflação entre em um círculo vicioso. A preocupação do novo governo com a inércia inflacionária estava clara, aliás, na carta que o presidente do Banco Central (BC), Henrique Meirelles, enviou há cerca de duas semanas para o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, justificando o não-cumprimento da meta da inflação. Dizia a carta:

“A política monetária é calibrada de forma a conduzir a inflação para níveis compatíveis com as metas a médio prazo e evitar que a inflação se acomode num patamar mais elevado”.

Inflação caiu, mas está em patamar ainda alto

• O ministro da Fazenda já disse que o governo terá de monitorar os preços, mesmo depois de ampliar a meta de inflação deste ano, para evitar a temida contaminação. O próprio mercado já se preocupa com a contaminação dos preços e acha que ela pode pressionar ainda mais os índices de inflação. Integrantes do Ministério da Fazenda avisam que a equipe econômica vai combater a contaminação com a política monetária. Isso significa que o governo pretende conter preços com juros.

— Existe uma clara determinação de que não se aceita o retorno da indexação. Vamos usar política monetária. Não pretendemos usar medidas fora da política monetária — disse um integrante da equipe econômica.

No relatório mensal do Banco Boreal, os aumentos de preços na virada do ano em patamares acima do esperado — como recreação (1,5%), serviços pessoais (1,7%), ser-



NA CARTA de Meirelles (à direita) a Palocci, um alerta: evitar que a inflação se acomode em patamar elevado

viços médicos e dentários (1,1%) — foram classificados como um indício preocupante de que a forte desvalorização cambial de 2002 esteja exercendo agora o seu efeito sobre produtos que não têm relação com o dólar.

— Há muito não se via um aumento mais forte dos preços dos serviços. Dependendo dos índices, a inflação foi entre 12% e 25% ao ano em 2002, que são níveis difíceis de conter. É necessário combater uma contaminação — disse o economista-chefe do Boreal.

Para Salomão Quadros, contudo, ainda não há um movimento consolidado. Mas ele alerta que o momento requer atenção redobrada:

— Os índices de preços vinham caindo e acabaram parando em um patamar que ainda é alto. Mas acho que isso é momentâneo. Sempre tem um item que fica fora da curva.

O ministro do Planejamento, Guido Mantega, já identificou outro problema que terá forte impacto sobre a inflação. Ele diz que o superávit comercial muito grande é inflacionário. Isso porque, com menos importações, diminui a concorrência dos produtos nacionais com os estrangeiros, e quem sai perdendo é o consumidor. ■